

O 25 DE ABRIL

Poema épico de

ELVIRO ROCHA GOMES

O 25 DE ABRIL

*Pisa-se em terra rebentam ideias,
pisa-se em línguas se capandis a folla,
criam-se ninfas ao largo, sem peias,
a estender vigorosa matiz!*

*Vai, meu canto, sobre os arcos!
Abra-se o peito animoso!
Arjem-se as penas e as penas
com o vento*

Poema épico de

ELVIRO ROCHA GOMES

*Cuida a grosseira cupa
que tudo fazia em trevas,
o futuro se destaca
sobre as larvas melancólicas*

Lido na sessão de Canto Livre organizada pelo Círculo Cultural do Algarve no S. Luís Parque em Faro, em 15/7/74

*Pois se em verso rebentam ideias,
pois se em hinos se expande o feliz,
cresçam almas ao largo, sem peias,
a estender vigoroso matiz!*

*Vai, meu canto, sobre os ares!
Abra-se o peito animoso!
Arfem as terras e os mares
com nosso impulso ardoroso!*

*Caída a grosseira capa
que tudo fazia em trevas,
o futuro se destapa
sobre as luras medievas!*

*Honra à memória dos precursores
tombados antes destes alvares!
Homenagens a todo o pedagogo
que dos tiranos nunca fez o jogo!
Respeito aos destemidos operários
que nunca bajularam os falsários!
Preito aos autores progressistas
que nunca pactuaram com fascistas!*

*Bem me lembro, na parte que me toca,
como em mente larguei meu habitat de foca.
Mas esbarrei, sendo um poeta indómito,
na postiga indiferença,
e bem cedo deixei de estar atónito
porque o fascismo preza quem não pensa.*

*Canto livre e agora bem aceso,
peito a arder, incandescente ...*

*Canto a medo, canto preso,
que embargava a voz da gente ...*

*Meus escritos satíricos e sérios,
meus romances do tempo da censura...
Meus ensaios envoltos em mistérios
a ver se assim escapavam nessa altura...
Meus poemas e artigos censurados
e outros antes disso já rasgados...*

*Eram tudo receios e cautelas
e torturas nos cérebros e celas!
Eram tudo sofismas de ideal
p'ra se não ir parar ao Tarrafal!
Tudo parado,
tudo aparado,
tudo calado,
tudo ralado.
Era tudo gemebundo
e um cheiro nauseabundo
de lixos
a criar bichos.*

*Uma área lodosa onde alguns sapos
se empertigavam a mostrar os papos.*

*Mas eis as Forças Armadas
se aliam às fraquezas desarmadas.*

*Agora a Pide
já não agride.
Agora há chefes,
não magarefes.*

*E alguém interpela
uma espingarda bela:*

*— Olá tu, arma florida,
onde vais assim garrida?*

*— Vou ao povo dar grandeza,
juntar-lhe à vida beleza.*

*Eu sou a arma que canta,
o povo desabrochado,
o povo que se levanta,
o povo ressuscitado.*

*Flor nas lapelas, rescende o espaço,
unida a pátria num grande abraço.*

*Eu sou a luz radiosa
que acabou com miasmas
e fantasmas.*

*Sou a manhã que vos beija
e bemfazeja.*

*Eu sou a flor vermelha, a flor viçosa
de cor tão viva, fresco perfume.
a liberdade a entrar em vossas portas,
as cinzas mortas tornadas lume!*

*E tu, meu coração, revive, pulsa,
que a tirania já foi expulsa,
e a alma imensa dum povo inteiro
fulge num amplo, forte luzeiro.*

*Fulge e que fujam os hesitantes,
os que têm medo da novidade!
Novos caminhos se abrem brilhantes
mostrando o início de nova idade!*

*E eis, batendo em cheio, um sol que vejo e sinto
todo aberto a brilhar, sobre um passado extinto:
Da arma sai uma flor
corada de tanto rir,
a arma é ramo ao dispor
de quem a quer ver florir.*

*Ombro com ombro, rente ao futuro,
decisão forte, espírito puro,
erros passados abominemos,
pátria mais bela construiremos.*

*Pátria de todos, em harmonia,
jardim de viva policromia,
tudo em bulício, tudo em afã,
já hoje em faina para amanhã.*

*Para amanhã ser impossível
chegar àquela degradação
em que o fascismo duro e horrível
tornava um homem pior que um cão.*

*Sim, que só um canídeo ou um jumento
tinham livre expressão de pensamento.*

*Nunca mais queremos a estupidez,
a manha,
a sanha,
a hediondez,
a comandar um povo escravo.*

*Mas p'rá vitória definitiva
nenhuma força pode ser esquiva
e ninguém deixe de ser um bravo.*

Que um povo inteiro construa altivo,
um país rico, pujante, vivo,
e os dois não estraguem lá do Brasil
o nosso querido dia de Abril,
pois o que queremos não querem eles,
o que nós queremos é liberdade,
eles só querem mentira reles,
nós preferimos a sã verdade.

Livres e honrados queremos ser
com vida digna de se viver.
Não a tal vida que eles impunham
sob o arbítrio de que dispunham.

Alta noite, como as corujas,
«Está preso! Saia do leito!».
Às suas intenções sujas
qualquer estava sujeito.

Quem nunca curvasse a espinha,
quem não dobrasse a cerviz,
muito pouca sorte tinha
ou morria o infeliz.

*Nunca mais, nunca mais fascismo a nós,
P'ra sempre liberdade à nossa voz.*

*Num mundo sábio, sem marginais,
onde os que mandam não causem ais.*

*De braço dado com a franqueza
vivendo sempre com singeleza.*

*Num mundo cheio de sã virtude
onde há direito sempre à saúde.*

*onde há meninos e inocência
e armas pujantes em florescência.*

*Armas de paz, armas do bem,
do são futuro que já lá vem.*

*Pois venha ele! Nós, em Portugal,
estamos a abrir-lhe um Arco Triunfal!*

Composto e impresso nas oficinas da
Empresa Litográfica do Sul, S. A. R. L.
Vila Real de Santo António — 9/8/74
———— 1 000 exemplares ————